

INGLATERRA — PALACIO DE WINDSOR.

A historia do palacio de Windsor, famosa residencia dos monarchas da Grã-Bretanha, começa em Guilherme o conquistador. Herdeiro do throno de Eduardo foi-lhe facil apoderar-se das terras dadas pelo piedoso principe ao abbade de Westminster. Então os campos e os prados convisinhos foram convertidos n'uma vasta floresta em que o conquistador estabeleceu o seu antro. Seu terceiro filho Henrique Beaulerc augmentou a residencia real, cingindo-a de muralhas. No tempo de Estevão, neto de Guilherme, Windsor era a segunda fortaleza do reino. Henrique II lá congregou o parlamento, a que assistiram não só os barões inglezes, mas tambem o rei de Escocia e seu irmão. Constando que Ricardo coração de leão fôra aleivosamente detido na Austria, João sem terra apossou-se do castello, onde foi sitiado pelos barões sublevados, os quaes não puderam tomar a praça, mas obrigaram todavia o principe a assignar em 1215 a *Magna Charta*, palladium das liberdades inglezas. Eduardo III, que nascêra n'esta morada valida dos Plantagenetes, quiz tornal-a um dos mais bellos palacios da Europa: para esse fim fez empregar nas obras muitos milhares de operarios por espaço de dezouto annos.

A capella de S. Jorge, specimen soberbissimo da architectura do seculo XV, foi construida por Eduar-

do de York. Ricardo Beauchamp, bispo de Salisbury, fallecido em 1481, dera o debuxo d'ella; mas foi Reginaldo Bray quem a concluiu. O edificio proximo da entrada das salas de cerimonia foi mandada construir por Henrique VII. Henrique VIII reedificou a grande portada; e Isabel erigiu a galeria do seu nome, que é uma das melhores peças da architectura d'aquella epocha, bem como o magnifico terraçõ chamado do norte.

Jorge III mandou reparar a capella de S. Jorge, e no tempo de seu successor (em 1724) começaram os trabalhos de restauração do monumento.

Tem-se gasto n'este empenho mais de vinte e um milhões de libras. Interiormente é o palacio de Windsor sumptuosamente mobilado; ás terças, quintas e sextas feiras de cada semana admite-se o publico a visitar os aposentos de aparato, ornados de uma serie de retratos de Van-Dick e Lawrence, e muitos quadros historicos de Rubens, e outros grandes mestres. O que comtudo mais attrahe a attenção é a capella de S. Jorge, verdadeiro primor de arte. Descansam ali os despojos mortaes de Eduardo IV, Henrique VI, Henrique VIII e Carlos I. Na capella de Beaufort repousam os cadaveres de Jorge III, Jorge IV, Guilherme IV, e outros membros da familia de Hanovre.

O ponto de vista que se gosa do alto da torre redonda é extensissimo, mas o que se disfructa do terraço de Isabel é ainda mais aprazível. D'ali, dominando os gigantescos arvoredos do parque, que escondem as casas da povoação, os olhos alongam-se por sobre as torres de Eton, até ás collinas azuladas, que emolduram a graciosa paizagem recamada de verdura, e cortada pelo Tamisa, que rola as suas aguas argentadas por entre prados verdejantes, matas cerradas, louras searas, e formosos jardins.

No mez de março de 1853 um incendio ameaçou destruir este grandioso monumento, sagrado por sete seculos de tradições historicas. Felizmente apenas foi consumida pelas chammas uma das torres, salvando-se toda a mobilia n'ella existente. A perda occasionada pelo sinistro calcula-se porém na somma de trescentos e vinte contos de réis da nossa moeda!

### IGNOTO DEO.

#### TRADIÇÃO PORTUGUEZA.

#### IV.

#### A VIAGEM DA IMPERATRIZ.

Grossas nuvens se acastellavam no poente, rasgando-se a espaços em fitas de fogo; o Tejo dormia, mas roncava nas praias de além, como o sclerado cujo espirito se agita sonhando na maldade que ha de seguir o seu acordar; porém Lisboa adornava-se de todas as suas galas, o povo corria as ruas com dansas e tangeres, e uma vistosa frota com as bandeiras de Portugal e do imperio, com flamulas e galhardetes de mil côres, balouçava-se garbosamente sobre as aguas quietas, mas turvas do rio.

Era o dia 20 de outubro do mesmo anno 1451 em que se passaram os successos dos dous anteriores capitulos, e para tal dia fôra destinado o embarque da imperatriz D. Leonor. Às onze horas da manhã saíu dos paços da Alcaçova toda a real comitiva, com direcção á cathedral, onde havia missa solemne. El-rei D. Affonso V levava de rédea o cavallo em que montava a imperatriz, e da mesma forma o infante D. Fernando guiava aquelle que conduzia a rainha; D. Henrique dirigia o ginete em que cavalgava a infanta D. Catharina, e o marquez de Valença cuidava da graciosa infanta D. Joanna. O resto da côrte, a pé, seguia a real familia. De todas as janellas, guardadas de formosas damas, pendiam ricas alcatifas, e os archeiros mal podiam abrir caminho para o cortejo por entre as ondas do povo, que corria a contemplar pela última vez o lindo rosto de D. Leonor.

Ouvida a missa de pontifical, que celebrou o archbispo de Lisboa D. Martinho Vaz-da Costa, despediu-se a imperatriz de sua cunhada, a rainha D. Isabel, que, por muito incommodada, não pôde ir a pé até ao cães da Ribeira, como toda a mais comitiva. D. Leonor começou então a derramar sentidas lagrimas, e a scena tocante da despedida communicou o pranto aos olhos de todos os assistentes.

Tendo atravessado a longa ponte de madeira, fabricada sobre toneis, expressamente para este embarque, e junto á qual se via atracada a nau capitaina, a imperatriz voltou-se ainda uma vez para os principes, a dizer-lhe o ultimo adeus; porém querendo em seguida embarcar, pois que a luz dos olhos começava a faltar-lhe n'aquelle transe do apartamento, envolveram-se-lhe os pés no manto imperial, e teria caído ao mar, se mão vigorosa e prompta a não enlaçasse rapidamente pela cintura.

Ao grito unisono de terror que saíu de milhares de bôcas, quando a imperatriz resvalou para o abysmo succedeu o silencio da estupefacção, vendo-a logo salva do perigo, e todos se voltaram com inveja para o feliz mortal, que tivera tamanha dita. D. Leonor mandou-lhe o mais terno sorriso de agradecimento, e deu-lhe a mão a beijar... a mimosa mão de uma formosissima donzella de dezeseite annos, imperatriz que ella não fosse! O salvador da infanta fôra João de Menezes da Silva.

— Leonor, maguaste-te? perguntou Affonso V, correndo em soccorro de sua irmã.

— Oh! não, respondeu ella, este cavalleiro segrou-me muito a tempo. E abriu os labios em novo sorriso, que penetrou até ao coração de Menezes. Só perdi um sapato, continuou ella, designando com o dedo um pequeno objecto que deslisava pela corrente do rio, brilhando como uma estrella em céu caliginoso: eil-o lá vae.

Ao concluir estas palavras a princeza, sentiu-se nas aguas o baque de um corpo pezado, e o povo atonito viu um homem nadando com vigor na direcção do indicado objecto. O leitor adivinha de certo quem era o louco que se arrojava ao mar em busca do pantufo imperial.

Houve um momento de silencio. Depois começaram alguns a murmurar em voz baixa; e o almirante mandou um esquife da nau a prestar soccorro ao nadador. A esposa de Frederico III virou-se insensivelmente para D. Joanna, que estava a seu lado, e disse-lhe a meia voz:

— Ai, Joanna, que homem aquelle!

— Vale mais do que um imperador, respondeu ella, com um tom pouco em harmonia com a sua tenra idade; e continuou: Casam-nos com um principe que não conhecemos, e exigem de nós amor!...

D. Joanna ria com tal desdem, como se já fosse a mãe da *excellente senhora*, quando o povo lhe chamava a *Beltraneja*, a adúltera!

João da Silva não quiz utilizar-se do barco que voára em seu auxilio. Como, mais tarde, Camões nas aguas do Mecon, salvando o seu immortal poema, o amante de Leonor nadava com um dos braços, e alçava o outro acima das vagas, segurando na mão um sapato de razo cramezim, avivado de canutilho de ouro pela parte superior. Chegado á ponte, saltou ligeiramente sobre as pranchas forradas de damasco, e ajoelhando diante da gentil imperatriz, apresentou-lhe o breve e gracioso pantufo sobre as dobras da gorra, onde brilhava em letras de prata o fatal *ignoto deo!*

D. Leonor empallidoeu ainda mais do que no momento do perigo, mas disse-lhe com graça senhoril:

— Guardae-o, D. João; assim molhado far-me-ia mal calçar-o.

O cavalleiro apertou-o contra o peito, como um talisman; e de envolta com os outros senhores do sequito da imperatriz, embarcou na nau capitaina.

A procella ameaçadora que enegrecia os horisontes, rebentou então com furor. Toda a côrte desapareceu da Ribeira, e o marquez de Valença, capitão-mór da armada, tratou de precaver as naus contra algum desastre que pudesse sobrevir. A capitaina, que tinha a seu bordo tão precioso deposito, afastou-se logo da ponte, segurando-se em distancia da terra com todos os seus ferros no fundo; as outras nove embarcações seguiram-lhe o exemplo. A noute accenderam-se faróes, sobre os quaes se fixavam de continuo todos os olhos da real familia e dos cortejos, atravez das vidraças do palacio da Alcaçova;

e posto que a borrasca redobrasse de força a cada momento, a vigilancia dos mestres e da maruja foi tão-grande, e tão acertadas providencias se deram, que nenhuma das naus soffreu o menor desarranjo.

Muitos dias passou a armada no Tejo, sem que o mau tempo lhe permittisse sair a barra, e só a 12 de novembro pôde emfim velejar para o seu destino. Ainda assim a tormenta não cessára de todo, apenas dera alguma tregua, e investindo de novo com a armada na bôca do Mediterraneo, dispersou as naus que, a muito custo, se puderam reunir em Ceuta a 5 de dezembro. D'ahi, sempre açoutada pelos temporaes, entre repellões de vento duro e serras de mar encontrado, e tendo combatido contra tres naus e duas galés de piratas perto de Marselha, chegou emfim a desolada frota a ancorar no porto de Leorne, a 2 de feveiro de 1452.

Com que prazer afferraram a terra os lassos viajantes! Apenas um, d'entre tantos, desejava tornar eterno aquelle trajecto maritimo; e, quem sabe, talvez outro, uma fraca senhora, apesar de todos os incommodos que soffrera, achasse que vinha cedo a hora de desembarcar na Italia.

Tudo estava preparáo para receber dignamente a nova imperatriz de Allemanha. De Leorne marchou a comitiva para Sena, capital da republica do mesmo nome, a cujas portas veiu receber a D. Leonor o imperador Frederico III, Ladislau, rei de Hungria, seu irmão o archiduque Alberto, e outros principes, nobres e letrados, entrando no numero d'estes o celebre Eneas Silvius, nascido n'esta mesma cidade, e que depois foi papa sob o nome de Pio II. O embaixador portuguez em Roma, Luiz Gonçalves Malafaia, tambem acompanhava o imperador, bem como varios enviados do Santo Padre. O concurso de povo nas ruas era immenso: já n'aquelle tempo os republicanos folgavam de admirar a purpura dos cesares, e os ornatos dos cortezãos! Uma inscripção monumental ficou lembrando aos vindouros a grande honra que a republica recebera de ter dentro de seus muros o herdeiro de Carlos Magno.

Frederico contava então 36 annos; tinha um ar agradável, unido a uma presença magestosa. Isento de paixões fogosas, e de todo o genero de excessos, sobrio na comida até quasi ao ponto de viver em jejum continuado, de costumes simples como qualquer burguez do seu imperio, o esposo de Leonor inculcava ser muito mais joven do que na realidade era, e tinha uma physionomia sympathica. Posto que, no futuro, elle desenvolvesse largos planos de ambição, e intrigasse para estender os limites do imperio, e deixar a corôa a seu filho Maximiliano, é certo que ao submeter-se á dolorosa amputação de uma perna ulcerada, já na idade proecta, exclamou: «Val mais um campones com saude do que um imperador doente!»

A formosa infanta de Portugal agradou muito a Frederico, e suppõe-se que o bondoso imperador nunca soube que a seguia um amante apaixonado. As damas que a acompanhavam tambem foram conquistando corações de italianos e tudescos, apesar de toda a reserva que lhes recommendava a cada hora a camareira-mór, D. Brites de Menezes, condessa de Villa Real, e parenta de D. João.

De Sena caminharam para Roma, aonde eram esperados por treze cardeaes, clerezia, e os magistrados da cidade, encarregados pelo papa de cumprimentar os cesares, e preceder-lhe a marcha até á igreja de S. Pedro. O marquez de Valença, filho do duque de Bragança, que já conheciamos sob o titu-

lo de conde de Ourem, tendo feito entrega do precioso thesouro que el-rei confiára á sua guarda, havia tomado differente caminho de Sena para Roma; porém o bispo de Coimbra, Luiz Gonçalves Malafaia, D. Lopo d'Almeida, Pedro Vaz de Mello, João de Menezes da Silva, e outros portuguezes iam incorporados no sequito imperial.

Seguiremos a D. Lopo d'Almeida, que depois foi conde de Abrantes, na descripção das ceremonias de benções e coroação em Roma. Elle as escreveu miudamente em carta dirigida a el-rei D. Affonso, que se encontra nas *Provas á Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*.

Quinta feira, 13 de março, a hora de terça, se foi o santo padre Nicolau V á igreja de S. Pedro, apparelhado em pontifical, e seguido de muitos cardeaes e prelados. Já ahi o esperava Frederico III, com o embaixador de Portugal, e varios condes e senhores allemães. Depois chegou a imperatriz, acompanhada pelo rei de Hungria e de Bohemia, pelo archiduque Alberto, e os fidalgos portuguezes; e logo o imperador se foi vestir de capa, alva, amicto, estola e manipulo, como um sacerdote; seu irmão, de manto comprido de escarlata, forrado de arminhos, com a corôa imperial na mão, que era toda de diamantes e aljofares, precedia agora o cesar, e antes d'elle vinha o duque de Baviera com o globo de ouro, tendo em cima uma pequena cruz do mesmo metal; um conde do imperio com o aureo sceptro; outro com uma corôa menor, tambem de ouro e pedras preciosas; e o mestre de cerimonias com a espada do imperador, cuja bainha era da maior riqueza. Frederico e Leonor ajoelharam ante o papa, beijaram-lhe o pé e a mão, e Nicolau beijou na face o imperador. Depois das rezas do ritual, benzeu este os anneis que deu aos noivos, fez-lhe as perguntas do estylo, e mandou que se beijassem. Em seguida coroou o imperador com a corôa menor, e deu-lhe de novo a beijar o pé e a mão. D. Leonor assistia á cerimonia vestida em uma cotta de cramezim, e opa de brocado pardo, toucada com uma crispina rica, e cingida por um tecido de brocado branco. Os senhores portuguezes foram tratados pelos cardeaes e pelo papa com mil distincções, e n'este acto designaram-lhes logares entre os bispos e os condes.

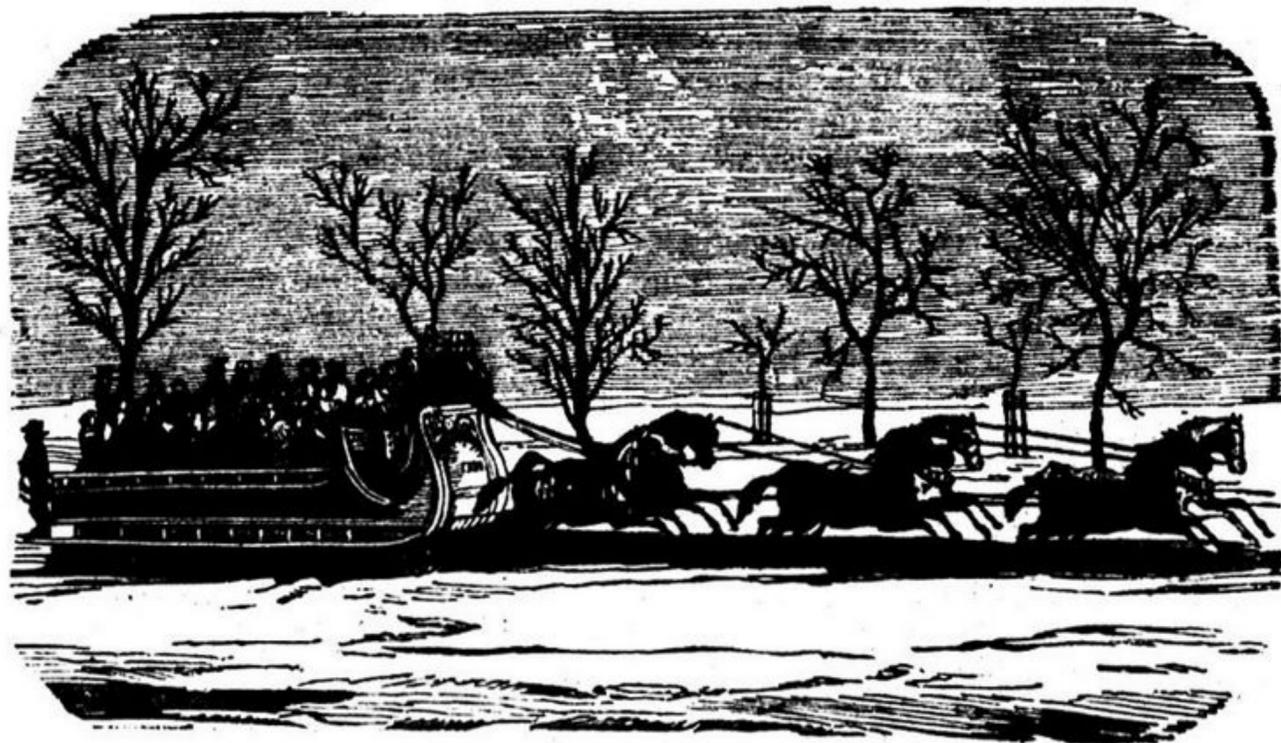
No domingo seguinte, 16, teve logar a cerimonia da coroação solemne dos cesares, na mesma igreja de S. Pedro. Começaram por vestir ao imperador a sobrepeliz e o capello de conego, pois ficava com essa dignidade na dita igreja; e depois voltando ao seu traje usual subiu Frederico á capella-mór, aonde já o esperava o santo padre, em quanto D. Leonor entrava no templo, e a faziam parar no meio da nave, para ser ungida na espada e no braço e mão direitos. A imperatriz ia em cabello, apenas enfeitado por um fio de ouro, e acompanhada por Ladislau e dous cardeaes. Tendo revestido uma cotta de cramezim, foi tambem sentar-se na capella-mór. Então começou a missa, e antes do evangelho collocou o papa pela sua mão as corôas do imperio romano sobre as cabeças de Frederico e Leonor. Depois deu ao imperador a espada, que elle brandiu sete vezes, e em seguida cingiu-lh'a, e collocou-lhe nas mãos o sceptro e o globo de ouro. Acabada a missa deu-lhe agua ás mãos o marquez de Valença, e todos se retiraram a seus aposentos, sendo D. Leonor a primeira a sair, e atravessando a cidade com a corôa na cabeça, ao som de entusiasticos vivas do povo romano. No domingo da paixão, 23 de março, partiram os imperiaes conjuges para Napoles, aonde os segui-

ram os fidalgos portuguezes que acompanharam desde Lisboa a D. Leonor, com excepção de um só, o irmão do conde de Portalegre, que desapareceu n'essa occasião, sem que ninguém soubesse novas d'elle. A imperatriz tremeu a principio pela vida do infeliz mancebo, mas avaliando a importancia das obri-

gações que contrahira perante Deus e os homens, esqueceu aquelle louco amor, e foi uma digna esposa do imperador dos romanos.

(Continúa.)

F. M. BORDALO.



TRENÓ-OMNIBUS AMERICANO.

Estranhos ao immenso trafico commercial, que opulenta os estados unidos da America do norte, imperfeita idéa podemos formar do que é aquelle paiz elevado hoje pelas suas instituições a um grau de prosperidade e grandeza tal que o fazem emparelhar, senão sobrepujar, as maiores e mais adiantadas nações da velha Europa.

O que espanta, porém, mais n'aquella republica a muitos respeito excepcional, é a variedade e multiplicidade dos seus meios de transporte. Aqui são os caminhos de ferro, cruzando-se em todos os sentidos, e levando a riqueza com a vida aos sertões e ás selvas outr'ora impenetraveis; além são centenares de vapores, transportando em rios, que semelham mares interiores pela vastidão, e pela cópia de aguas, milhares de passageiros, e innumerables mercadorias preciosas aos grandes focos de consumo; acolá vemos correndo pelas ruas das cidades uma multidão de carros, carruagens, tilburys, caleches, de todos os feitios e dimensões, dando ás povoações uma animação que não têm muitas das mais importantes capitães da Europa.

É um grande povo realmente o americano! Assim nós não vissemos, a par de tanta grandeza, muita miseria e degradação; ao lado de instituições liberrimas, a escravidão mais horrorosa!

Muito longe nos levaria a consideração detida de tão estranhos e revoltantes contrastes, que é mister que desapareçam; aliás, germens de corrupção e de ruina, a sociedade que tolera as graves injustiças e indignidades que revelam, perecerá irremissivelmente. Mas nem o espaço nos sobra, nem a occasião é a mais propria; e por isso voltaremos ao objecto da gravura.

Representa esta um *trenó-omnibus*: nos nossos climas temperados desconhece-se, felizmente, o prestimo de semelhantes vehiculos: ali, porém, não acontece o mesmo; por quanto n'uma parte do anno gela como nas regiões mais frigidadas do norte da Europa.

Quando a terra está envolta em immenso sudario, é que começam de usar-se os trenós, pois os outros meios de transporte conhecidos não podem então satisfazer, sem grave perigo, a mania, ou antes a necessidade de movimento, que carecterisa, para assim dizer, os americanos do norte.

São os trenós-omnibus uma especie de carros enormes, tendo em vez de rodas *rastos* de ferro, como representa o desenho. Estes trenós conduzem grande numero de pessoas de cada vez. São tirados por duas, tres ou mais parellas de valentes cavallos, que de muito habituados, correm sobre o gelo com uma velocidade espantosa. Para evitar que algum peão desprevenido seja victima do trenó-omnibus, cada cavallo leva nos jaezes innumerables guizos de diversos tamanhos: de sorte que a aproximação de um carro d'este genero é sempre annunciada pelo estrondo de milhares de guizos, que na verdade não devem fazer mui agradável consonancia!

## POETAS DA ARCADIA PORTUGUEZA.

II.

DOMINGOS DOS REIS QUITA.

NA ARCADIA — ALCINO MICENIO

1728 — 1770.

VI.

A Arcadia, já o dissemos, aperfeiçãoou, mas não inventou. Não cabia nas suas forças ir além da epocha. Seria injusto, pois, julgal-a em virtude de principios, que não conheceu, ou exigir o que não dependia da sua vontade.

Fundada com o intuito de regenerar o corrompido culto das antigas musas, respeitava em Ferreira, Sá de Miranda, e Camões os mestres do grande seculo de Portugal, e não admittia que o bello e o sublime pudessem encontrar-se fóra d'elles, ou dos mo-

delos romanos, cuja imitação cuidadosamente introduziram.

A obra tentada pela douta sociedade limitou-se, por tanto, a uma simples restauração, e quem ignora, que as restaurações de ordinario, olhando muito para o passado, são por indole pouco afeiçãoadas a innovações perigosas, ou a rasgos aventureiros?

Depois do código de Boileau, traduzido pelo conde da Ericeira, depois de Racine e de Voltaire, cuja dictadura foi proclamada como unica lei salutar, os melhores engenhos portuguezes só aspiraram a compor idyllios pelas regras de Fontenelle, tragedias como a Phedro e a Zaira, eclogas pelos moldes de Virgilio, odes e epistolas conformes aos exemplares de Horacio. D'ahi por diante eram as columnas de Hercules, e os oceanos tenebrosos; nenhum d'aquelles pilotos se atreveria a devassal-os!

E que atrevesse! O proprio Byron, altivo e audaz, cincoenta annos antes, se ousasse escalar o Parnaso, espavorindo as meigas ovelhas do Menalo com as tórvas aparições de Child Harold, ou de Lara, pagaria logo a pena de tamanho desacato. Solemneamente exorcismado pelas academias, e talvez que entregue mesmo ao braço paternal de alguma inquisição, havia de recolher os espectros da sua imaginação, ou sujeitar-se ao castigo, devido a um Lutero da religião litteraria. Por muito menos padeceu o Cid de Corneille; e se o velho auctor de Cina teve de ajoelhar-se perante as ordenações de Aristoteles, nascendo gigante, é duvidoso que outros ficassem de pé, não sendo elle!

Já se vê que, entrando no exame das obras do Quita, havemos de regular-nos pelas leis poeticas, em vigor então, como na historia politica seriamos obrigados a comparar as instituições e os homens em presença dos acontecimentos.

Querer que o seculo XV seja o seculo XVIII, ou que as idéas actuaes condemnem os que desapareceram antes d'ellas se desenvolverem, seria exigir o impossivel, e sancionar o absurdo.

A crítica, que deseja ser sincera, deve a cada epocha o que lhe pertence, e não a julga separada dos merecimentos, que a illustraram, e dos serviços que prestou.

De José Agostinho podia requerer-se o que o Garção e o Quita nem ousariam prever. A razão é facil. O primeiro encontrou-se, com a reforma victoriosa; os segundos nunca descobriram mais horisonte, do que as perspectivas uniformes da imitação classica em toda a parte.

Por isso o nosso officio se reduz ao exame imparcial da superioridade, ou da inferioridade da manifestação poetica, contempladas as idéas que a inspiraram, e os preceitos sustentados com fervor por cada escola. Se nos apartassemos d'este caminho, e condemnassemos sem razão, estas rudes observações seriam tudo, menos a apreciação exacta que tentamos fazer, embora a falta de forças engane o bom proposito.

Os seculos entram na carreira do mundo com a sua divisa propria, e exprimem as necessidades moraes da sua organização. E quasi sempre acontece, que, prevalecendo na formula politica o principio de auctoridade, esta a pouco e pouco invade e domina as letras.

Em Roma os Virgílios e Horacios representam a ultima geração da republica, modificada pelas influencias de Augusto e de Mecenas. É a epocha da preponderancia geral da imitação grega, que as seitas philosophicas tinham preparado.

Em França, o grande cyclo, que Boileau subjuga em nome de Aristoteles e da epistola aos Pizões, saiu das derradeiras luctas da monarchia pura de Richelieu contra os privilegios da nobreza, arvorando na poesia a mesma bandeira de obediencia, que no paço, e perante Luiz XIV inclinava a cabeça audaciosa dos Condés e Montmorencys.

Entre nós, com o poder absoluto do marquez de Pombal, e a sua vontade decidida de restaurar o esplendor da corôa, derivando os progressos, não da acção collectiva do paiz, mas da iniciativa despotica do governo, as artes, a historia e o estudo não podiam significar senão o captivo das formas á orthodoxia classica.

Encarregou-se a Arcadia de realçar com lustre esta feição, e desempenhou-se com exito da empreza. Nos seus cantos resuscitam purificadas as mesmas tradições, que o ministro levantou dos envilecimentos fradescos e plebeus, ao passo que por mão do algoz as vingava dos desacatos da aristocracia.

O sceptro de Affonso VI, partido aos pés dos fidalgos e do povo, foi a acha d'armas com que o valido de D. José I feriu na cabeça as arrogancias poderosas, que sonhavam hobrear com o throno, tornando-o feudatario das suas ambições, e cúmplice nos seus desregramentos.

## VII.

O talento do Quita accommodava-se mais á docura da ecloga, e á scena viçosa do idyllio, do que ás expansões vehementes da ode.

Entretanto as suas tentativas n'este genero, em que o precipicio está visinho do triumpho, não foram obscuras.

A musa moderna perdeu o segredo dos raptos admiraveis, que ennobreciam a lyrica dos hebreus, e os canticos de Pindaro. Acanhou-se mais a scena; o sol que illuminava o estro de Moysés e das filhas de Israel apagou-se a meio nas lagrimas dolorosas da humanidade; e só por intervallos o entusiasmo dos periodos de provação, exaltando o espirito dos padres da Igreja, ergueu ao céu os ultimos hymnos verdadeiramente inspirados.

Na pausa do estudo, e na serena composição do gabinete, é difficil fingir delirios da alma, que sobe de esphera em esphera, sempre suspensa e enebriada perante a magnificencia da acção, que immortalisa.

O cantico do mar vermelho, o hymno de Debora, e os rasgos de Tirteu, nasceram do deslumbramento de successos portentosos. Nenhuma regra os sujeitou; nenhum exemplo os prendia; a voz rompeu do coração; a poesia trasbordou do vaso, e levantando-se como perfume precioso, exprimiu em figuras grandiosas as vivas sensações, que a admiração e as paixões entalhavam no peito aos vates.

Por isso a expressão alteia; por isso aos pensamentos arrojados seguem logo outros ainda mais fogosos; por isso a phrase harmoniosa veste de côres esplendidas a imagem, e esta arremessando-se altiva parece desprezar a terra com gracioso desalinho.

Assim alça a voz divina a estrophe hebraica, assim desfere o seu vôo o carme grego; e só a grande distancia os tem podido acompanhar o engenho dos poetas, que em linguas menos perfectas, e mais ou menos prezas dos vinculos impostos, se abalançaram a ensaiar os seus poderes, em lucta desigual com o genio da antiguidade.

Ao Quita nem os assumptos, nem a indole consentiam os atrevimentos, que grangearam a corôa dos

mais insignes cantores. Nas outo odes que nos deixou podem louvar-se bellos trechos, mas de curto em curto espaço o seu fervor desanima do primeiro impeto, e o entusiasmo desfallece-lhe. A imagem receiosa da propria ousadia desmaia na altura, a que se expoz. O poeta vacilla na sua tripode, e em vez de se entregar ao furor divino, que sempre o devia agitar, tenta comprimir a chamma, que accendeu. Para conter os transportes, sacrifica o calor e a viveza, descobrindo a arte, e suffocando a inspiração. Lembra-se do *Deus in nobis, agitante calescimus illo*, mas treme de perder de vista os limites naturaes, a que está affeito, e para volver a elles mais depressa, abaixa a idéa, e escurece a locução.

Na ode á princeza do Brazil, (depois D. Maria I) encontram-se estrophes que honrariam o estro do Diniz; mas, quando se espera que o vate, crescendo em ardor á medida que a carreira se despede, arrojando novos impetos, e ceda a maiores transportes, vemos-o suspender-se, e esfriar de repente, caíndo em logares communs cem vezes empregados.

Assim ouvil-o-hemos exclamar ao principio:

Tu, sublime clemencia, que derogas  
O terrivel decreto  
No throno da vingança promulgado;  
Ardente caridade, que rebates  
Da implacavel desgraça as crueis settas  
Com rutilante escudo;  
Que alimentas a teus virgineos peitos  
A misera indigencia...

E logo esquecido do vigor da allegoria christã, vel-o-hemos adiante recorrer ás imitações da mythologia, proseguindo:

Calem no fundo imperio de Neptuno  
Ao brado de meus hymnos  
Os nús tritões as retorcidas trompas;  
E deponham a barbara fereza  
De meu canto attrahidos  
O Caucaso arrogante, o Tauro insano. (!)

Em outro canto dedicado ao conde de Lippe, brillam formas dignas da elevação do genero, e é justo confessal-o, o tom altiloquo desmente-se menos:

O campo marcial deixa coberto  
De lacerados corpos moribundos,  
Olha a formosa Lysia sacudindo  
Teu jugo insupportavel.  
Vê, como a solta mão tinge no sangue  
De teus tyrannos, avidos ministros;  
Como os leões soberbos precipita  
Do alto de seus muros.  
Mas a teus numerosos combatentes  
De estranhas forças o socorro ajunta:  
Exhala em arrogantes improperios  
O inextinguivel odio,  
E sobre as nossas cinzas, inda quentes,  
Sobre reparos destroçados  
Vem lançar de teus bronzes retumbantes  
O raio sanguinoso.

São figuras grandiosas estas; e a viva expressão dos furores da guerra, coroados de funestos relampagos, resôa com brio na tuba heroica. Em todas as estrophes circula o entusiasmo, dourando-as d'aquelle sol que é o fogo vivificante da verdadeira lyrica.

Moldando a idéa com primor, a phrase atreve-se com ella aos espaços, aonde se eleva só a inspiração. De certo não pôde competir com o estylo impetuoso que anima os extasis de Pindaro, nem se arrebatava na mesma vehemencia desordenada, mas elegante; porém, aproximando-se do modelo horaciano veste os pensamentos com nobreza e pompa, adequadas á magestade do assumpto.

João Baptista Rousseau, nas odes sobre a cegueira do seculo, e sobre a paz, parece ter sido o exemplar que o Quita se propoz; e deve declarar-se, que celebrando argumentos bastantes vezes tratados, o poeta arcade aproveita com destreza as perspectivas, e executando com exito n'esta obra o preceito da concisão nervosa, não fica atraz dos emulos contemporaneos, nem deslustra com imitações triviaes os mestres, que tomou pará guias com judiciosa critica.

Composta em louvor do conde de Oeiras, a terceira ode está longe das qualidades, que recommendam as estrophes ao conde de Lippe. Não sei o que tem a lisonja, mas é preciso rara vocação para que o elogio forçado não descobre a poesia. Pelos seus dotes, e pelos seus actos o marquez de Pombal offerencia mais de um aspecto favoravel ás musas; e sem baixeza podiam ellas desferir brilhantes rasgos, e traçar acabados paineis.

Desgraçadamente o Quita não os descobriu; e perdendo-se em adulações vulgares, accusa pobreza de invenção, e falta de alento. Vê-se bem, que a mente lucha sobre posse, e que frio e mudo o coração se nega a acompanhá-la. Quem sabe se a sombra de alguma victima do implacavel ministro, passando pelos olhos ao vate, veio empanar com tristeza queixosa os frouxos luzeiros, de que em vão procurava tirar uma viva chamma?

As vezes, a imagem forceja por nascer, mas some-se logo que desponta. É o que lhe succede, quando exclama:

Este gallião, que põe na onda atlantica  
A firme prôa, a popa audaz na indica,  
Não diremos, que experto  
Reges tu só com portentoso acerto?

Mas, descaíndo logo cil-o já por terra na seguinte estrophe:

Não confessâmos, que Neptuno pavido  
Teme as que fundas officinas nauticas,  
E Pallas desprezada  
Domina aos seus dous thronos elevada?

O gosto, a forma e a idéa padecem juntos n'esta poesia balbuciante e confusa.

Comparadas as bellezas, que citamos, com este trecho, e outros não soccorridos do estro, patenteia-se um certo enleio, e a clara desconfiança de si e do assumpto.

Quanto mais alto e desassombrado se não levanta o Diniz, até nas odes em que menos se esmerou! O proprio Quita, applaudindo a gloria do humilde berço do Messias em Bethlem, com que vigor e unção não solta o canto, e quanto se não desvia do assustado e incerto vôo da ode antecedente!

Vinde batendo as azas luminosas,  
Espiritos celestes;  
A minha alma accendei de um santo fogo,  
Regei a minha lyra,  
Sobre ella derramae alegres hymnos.

Fazei que minha humilde voz terrena  
 Com som, que mova as penhas,  
 O nome do Senhor exalte e louve:  
 Do Senhor, que piedoso  
 Muda os terríveis tempestuosos ventos  
 Em viração suave,  
 E os bramidos das ondas arrogantes  
 Em placido silencio:  
 Baixam os olhos tímidos os anjos,  
 Vem, como humilde servo,  
 Habitar uma tosca e pobre lapa  
 Na morada terrestre.

Esta invocação, roubando á harpa de Sion alguns dos sons, engrandece com temperado esplendor o prodigioso successo, que deu a luz ao mundo.

Aqui, o poeta crê e sente, e o verso pinta os raptos da sua alma. Na ode ao conde de Oeiras, percebe-se a repugnancia íntima, que se occulta, que deseja desmentir-se, mas que não chega a fingir a fugosa admiração, que exalta o rasgo lyrico.

Que differença do magestoso portico, quasi sacerdotal, que orná a ode ao Natal, para a estudada interrogação com que rompe o elogio do ministro:

Dize, ó conde immortal, que força-insolita  
 Move em giro perenne a esphera rapida  
 De teus mil pensamentos,  
 Que excedem os mortaes atrevimentos?  
 Larga o sceptro trisulco o undoso Jupiter,  
 E busca alto pego o leito placido:  
 O mesmo Nilo vago  
 Procura inerte somnolento lago.

A segunda estrophe, posto que um pouco adormecida, resgata nos dous ultimos versos a tumida trivialidade dos primeiros; mas a pergunta ao conde, que forma o exordio, querendo arremedar a apostrophe ardente dos antigos, como fica a immensa distancia d'elles!

Aquella esphera de mil pensamentos, girando sem descanso com força insolita, será acaso uma d'essas figuras, que bafejadas pelo sopro da inspiração creadora, atravessam victoriosas e applaudidas por meio dos tempos?

Dirigindo-se tambem ao conde de Oeiras, e commemorando o seu despacho, eis como o Diniz alçou o canto:

Se do inachio instrumento  
 As aureas cordas firo;  
 Se abrindo as brancas plumas, cruzo o vento;  
 E em remontado giro,  
 A esphera scintillante  
 Guio das odes o esquadrão brilhante:  
 Não busco a pompa de uma vã grandeza,  
 Não soberba riqueza:  
 Seus falsos resplendores  
 Do Parnaso idolatre a plebe rude;  
 Que os sublimes louvores,  
 Que a sacra Clio inspira  
 Na que eterna me faz thebana Ivra  
 São tributo de solida virtude.

Este exordio, sim, podiam invejal-o Rousseau, e Lebrun; e o mesmo cantor das isthmicas e das olympicas não se empobrecia, adoptando-o. Como as imagens se precipitam com gracioso impeto, e entretanto debaixo d'este desalinho apparente, que bem calculada gradação, e que profunda combinação!

Que pompa na phrase; que magestade na idéa; e que relevo pela habil collocação!

O Quita, para mostrar o espanto dos homens diante do seu heroe, em duas estrophes desfallecidas arrasta o entusiasmo com veia indigente:

Se em honra de Licurgo, o grego oraculo  
 A proferir chegou da sacra tripode,  
 Que dubio não sabia,  
 Se numen, ou immortal o chamaria:  
 A respeito de ti, ministro heroico,  
 Se ouvirá á lusa gente a mesma duvida:  
 Sem vacillar alçará  
 A teu nome immortal eterna ara.

O Diniz, expondo o mesmo pensamento na ode ao conde de Oeiras, exclama:

Talvez suspensas no futuro as gentes  
 Neguem fé a meu hymno,  
 Porque o vulgo prophano  
 Faz de Aganippe o sumptuoso erario  
 Aos vicios tributario.  
 Vós, porém, oh correntes  
 Do Tamisa e Danubio cristallino,  
 Qu'eu d'um brilhante engano  
 Não esmalto a verdade  
 Testemunhas sereis em toda a idade (1).

Mais adiante se póde levar o parallelo; mas de que serviria? Na lyrica não é que Domingos dos Reis sobresaíu. Antonio Diniz leva-lhe infinita vantagem.

Se nos demoramos no exame de varias odes d'um poeta, bucolico por excellencia, foi para ficar mais determinada esta feição da sua physionomia, ainda pouco observada, e para não se tratarem com desprezo absoluto os seus ensaios em um genero, que honra mesmo os que succumbem, tão arriscado é!

D'estas tentativas do Quita restam-nos, como obras dignas de acceitação, a ode II, ao conde de Lippe, a IV que solemnisa o nascimento do Salvador, e a VI que celebra o perigo d'el-rei D. José na conspiração dos fidalgos, aonde, entre outros lances bem traçados, se encontram os seguintes versos:

Os pezados sepulcros abalando  
 As cinzas dos antigos portuguezes,  
 Impacientes vingança estão clamando:  
 Vós, Nunos, Albuquerque, vós, Menezes,  
 Erguei as testas frias e myrrhadas,  
 Inda tintas de sangue, em triste pranto  
 Do rosto banhareis as cans honradas.  
 Levantae os intrepidos semblantes,  
 Que mostrastes na mais guerreira empreza,  
 Cheios de pó, de furia arrogantes,  
 Vede a fidelidade portugueza  
 Gemer envolta em horridos desdouros:  
 Sim, vede a mão da infame rebeldia  
 Arrancar-lhe da frente os sacros louros.

Em todo este trecho, e no seguinte, brilha a energia, a correção, e tal vigor, que attestam grandes poderes, sobre tudo não sendo decidida a vocação lyrica.

É bella, embora não seja original, a atrevida figura, que, perante a consternação do desacato á magestade humana, levanta do seu tumulo os velhos e gloriosos soldados d'Africa e da India, os Menezes, os Albuquerque, os Pachecos!...

(1) Poesias de Antonio Diniz da Cruz e Silva, tom. V. ode V.

Assim se realçam os vates de engenho solido até nas empresas menos accommodadas aos seus dotes!

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

GUERRA ÀS DEMANDAS.

Ha em França, no departamento d'Ardèche, uma pequena communa (municipalidade) de 500 almas, pouco mais ou menos, que o conselho de um velho camponez tem livrado, ha cêrca de quinze annos, da terrivel praga das demandas.

«Se todos reflectissem bem, dizia o honrado ancião, nos sacrificios de honra, de saude, de tempo e de dinheiro que nos obriga a fazer a mania das demandas, verificariam que a nossa communa paga, sem o pensar de certo, um pezadissimo tributo, ao qual todavia pôde mui facilmente eximir-se.

«Avaliando com moderação o que nos custa a nossa contumacia, e muitas vezes a nossa má fé tambem, poderiamos economisar, usando de probidade, e vivendo na mais perfeita harmonia, 2:000 francos (320\$000 réis) um anno por outro!

«Ora não seriamos nós muito mais felizes, se empregassemos esta somma, sustentando e vestindo annualmente na nossa povoação pequena, mas não miseravel, dez velhos indigentes?»

Outo dias depois d'esta pratica, que teve logar em 1840, a quasi totalidade dos habitantes da tal communa assignavam, com grande alegria do respeitavel ancião, uma escriptura de sociedade na qual se exaravam as seguintes memoraveis clausulas.

1.<sup>a</sup> Que tres *anciãos* da communa, accedendo aos desejos manifestados por seus patricios, se obrigam a julgar segundo os principios da equidade natural, as leis da honra, e os dictames da consciencia, todas as contestações que forem sujeitas ao seu conhecimento e arbitragem.

2.<sup>a</sup> Que os signatarios se obrigam solemnemente a não apresentar perante os tribunaes litigio algum sem que o objecto d'elle haja sido submettido á apreciação do conselho dos anciãos, e obtido o assentimento d'estes.

3.<sup>a</sup> Que a falta de cumprimento de qualquer das condições exaradas na escriptura de sociedade por parte de um signatario, importava a sua exclusão; sendo esta circumstancia levada ao conhecimento do povo, pela inserção do nome do excluido em uma taboleta, que será affixada nos logares mais publicos e do estylo.

4.<sup>a</sup> Que a exclusão, ou simplesmente a não participação na sociedade, importa a pena que deriva do dever dos societarios; e vem a ser: «Para os que são razoaveis, e se conciliam, sacrificios obsequiosos de toda a especie; para os irreconciliaveis e rabulistas, nem favor, nem contemplação, salvo aquelle que não pôde negar-se sem se merceer o epitheto de deshumaño.»

Os principios d'esta sociedade verdadeiramente phylanthropica produziram o excellente resultado que era de esperar.

Desde a epocha da sua fundação na pequena communa, que assim deu um tão sublime exemplo de moralidade e de bom senso, a harmonia tem sido inalteravel, e nem um facto sequer ha vindo desmentir as previsões humanitarias do bom e intelligente camponez.

Oxalá que uma idéa tão eminentemente moral se

puzesse geralmente em pratica! Quantos desgostos, quantas desgraças, quantos escandalos se não poupariam á sociedade? quantas desuniões de umas familias com outras, e dos membros da mesma familia entre si, se não evitariam assim?

ESTATISTICA DA FRANÇA.

Nasceram em França, no anno de 1852, 965:080 creanças, sendo 70:000 filhos naturaes. Falleceram 810:695 pessoas. A duração media da vida calculase ser actualmente de 36 annos e 7 mezes. A população total da França, que era em 1820 de 30.451:187 almas; em 1831, de 32.560:934; em 1836, de 33.540:910; em 1841, de 34.230:178; em 1851, de 35.783:000; excede presentemente 36 milhões, não contando a Argelia, nem as demais colonias.

Sómente na cidade de Paris nasceram, em 1853, 34:049 creanças, sendo 16:603 do sexo feminino, e 17:446 do sexo masculino: o numero de filhos naturaes subiu a 10:833. Falleceram no mesmo periodo 34:262 pessoas, sendo 16:792 do sexo masculino, e 17:470 do sexo feminino. Celebraram-se na famosa capital, n'aquelle anno, 11:574 casamentos. Um dós individuos fallecidos completára a idade de 105 annos e 9 mezes. A enfermidade das bexigas succumbiram 495 pessoas.

Horror ao primeiro que pôde sentir, quanto mais dizer, essa espirituosa blasphemia: «Deu-nos Deus a palavra para occultarmos o pensamento.»

Aquelles senhores que quizerem continuar a honrar-nos com a sua assignatura terão a bondade de o declarar, quanto antes, em Lisboa aos distribuidores; e nas provincias, aos respectivos correspondentes, ou *por carta franca* dirigida ao editor, e acompanhada de uma ordem da importancia da assignatura.

Preços, por anno 1\$300 rs., por semestre 700 rs., avulso 30 rs. Para as provincias (franco de porte) por anno 1\$570 rs., por semestre 830 rs.

Assigna-se para o Panorama: em Lisboa, na livraria do editor, A. J. Fernandes Lopes, rua do Ouro, n.º 227 e 228, na do sr. Lavado, rua Augusta, n.º 8, e na do sr. C. J. Brabo, rua do Ouro, n.º 212.

São correspondentes do editor: no Porto, o sr. A. R. da Cruz Coutinho; em Coimbra, o sr. A. H. Dardalhon; em Vianna do Castello, o sr. A. J. Pereira; Setubal, o sr. Manuel José Ferreira; Penafiel, o sr. Maximiano Dias de Castro; ilha da Madeira, o sr. Antonio José d'Araujo; ilha de S. Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria Valle; ilha Terceira, o sr. J. M. de Mesquita Pimentel; Rio do Janeiro, o sr. Manuel José Vieira da Costa, rua da Quitanda; Pernambuco, o sr. Miguel José Alves; Bahia, a sr.ª Viuva Carvalho & F.º; Maranhão, o sr. J. A. da Silva Guimarães.